

# CONTAGIO CONJUGAL NA LEPROSA

**LUIZ MARINO BECHELLI**

Clinico do Asylo C. Coceas

Os AA. estão de accordo em affirmar que raramente se observa a transmissão da lepra do conjuge doente ao conjuge são. E' o que podemos julgar pela citação que segue.

Rogers e Muir (10) resaltam a pequena incidencia do contagio conjugal, assegurando que apenas 2 a 5 % das pessoas vivendo em taes condições adquirem a molestia. Observando 512 casaes em que um dos conjuges era doente, Sand (cit. por Jeanselme, 1) verificou que a molestia se propagou somente em 17 casos, portanto em percentagem baixa, 3 %. Kitasato (cit. por Rogers e Muir, 10) constatou o contagio conjugal em 3,8 % dos casos. Christian (2) e Oth, Asami e Tsuchida (8) tambem põem em relevo a raridade desse contagio.

Para Manalang (4), a frequencia do contagio conjugal é semelhante á incidencia da molestia entre os adultos, nos facos endemicos: 2 a 3 To na India, 4 a 5 % em Hawai e menos de 1 % nas Philippinas..

Emquanto que alguns AA., como Zambaco (2), negam a existencia da infecção conjugal, outros ultrapassam ainda as cifras acima mencionadas. E' assim que Balina (cit. por Schujmann 5) observou esse contagio em 9 % dos casos.

Em Molokai, nos annos de 1886 e 1888, Mc Coy e Goodhue registraram que 16,4 % das pessoas vivendo no hospital se tornaram doentes, principalmente as que eram casadas com os hansenianos Mouritz, no proprio hospital de Molokai, teve occasião de observar 178 pessoas que acompanhavam aos doentes, a maior parte delas casadas com elles; pois bem, 17 (= 9,5 %) desses individuos adoeceram no curto lapso de tempo de 12 mêzes (de fevereiro de 1815 a fevereiro de 1896).

Rogers e Muir (10), referindo esses AA., fazem ver que, naquella occasido, as condições de isolamento eram pessimas, tanto que, posteriormente, com a melhora das mesmas, taes infecções diminuíram bastante.

Vejam os dados que conseguimos obter no Asylo Colonia Cocaes. Foram submettidos ao interrogatorio 465 doentes casados. Em 42 daes, constatou-se a contaminação do outro con-juge; em mais cinco casos observou-se essa contaminação, mas nós os afastamos da estatistica, porquanto não conseguimos apurar, com certeza, se o contagio era realmente conjugal ou reconhecia outra origem, referida pelos pacientes.

Consultamos mais de 46 fichas, no Departamento de Prophylaxia da Lepra e constatamos que se processara a contaminação conjugal em 7 casos.

Portanto de 506 casaes (460 do Asylo Colonia Cocaes mais 46 do DPL) em que um dos conjuges era doente, observou-se a infecção conjugal em 49 casos ou seja em 9,7 % dos casos.

cia, vemos que a percentagem dos casos de contaminação é quasi o

N. . de casaes	CONJUGES	
	Não ficaram doentes	Ficaram doentes
460 (Cocaes)	42 conjuges	418 conjuges
46 (DPL)	7 conjuges	39 conjuges
<b>TOTAL</b>	<b>49 (9, 7 %)</b>	<b>457 (90,3 %)</b>

QUADRO n.º 1

O indice que encontramos, pouco superior ao referido por Balina, é um tanto elevado comparando-se aquelles citados logo no inicio do nosso trabalho, nos quaes a maioria dos AA. fixavam até 5% a frequencia do contagio conjugal.

Estabelecida a frequencia da infecção conjugal, vamos mostrar, no quadro seguinte, (Quadro n.º 2) a relação existente entre o tempo de convivio e os casos de contaminação;

Vemos por esse quadro, que a contaminação conjugal se processou geralmente nos dez primeiros annos de convivio, sendo pequeno o numero de infecções nos annos seguintes. Verdade que é bem menor o numero de casos em que o convivio se prolonga, depois desse tempo, porquanto o con-juge doente, pela propria evolução da molestia, vae de encontro á morte. Entretanto, procurando-se fixar a freqüência do contagio antes e depois dos 10C, annos de conviver-

Tempo de convívio conjugal	C O N J U G E S		Total
	Ficaram doentes	Não ficaram doentes	
1 a 5 annos	15 conjuges	198 conjuges	213
6 a 10 annos	26 conjuges	108 conjuges	134
11 a 15 annos	3 conjuges	31 conjuges	34
16 a 20 annos	0 conjuge	18 conjuges	18
21 a 25 annos	1 conjuge	6 conjuges	7
26 a 30 annos	0 conjuge	8 conjuges	8
31 a 35 annos	0 conjuge	1 conjuge	1
36 a 40 annos	0 conjuge		1
45 a 50 annos	0 conjuge	1 conjuge	0
<b>TOTAL</b>	<b>45 conjuges</b>	<b>371 conjuges</b>	<b>416</b>

QUADRO N.º 2

dobro nos primeiros dez annos de convívio do que nos annos seguintes.

Portanto, esses dados levam á deducção de que a probabilidade do contagio conjugal vae diminuindo á medida que passam os annos de convívio, de modo que, se a contaminação não tiver lugar nos primeiros dez annos de convivencia, raramente ella se processará nos annos seguintes.

Nos casos de contagio conjugal, desejamos saber qual foi a incubação observada nos mesmos, procurando relacional-a com a idade em que se iniciou o convívio. E o que fazemos no quadro abaixo: (Quadro n.º 3).

Idade em que co- meçou o convívio	N.º de casos de contagio conjugal	Tempo de incubação				
		Annos				
		1-5	6-10	11-15	16-20	21-25
15 a 20 annos	7	2	4		1	
21 a 25 annos	8	2	5	1		
26 a 30 annos	12	2	8	1		1
31 a 35 annos	8		6	2		
36 a 40 annos	3	1	2			
41 a 45 annos	1	1				
46 a 50 annos	3	1	2			
51 a 55 annos	1	1				
56 a 60 annos	1	1				
<b>TOTAL</b>	<b>44</b>	<b>11</b>	<b>27</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

QUADRO n.º 3

De accordo com os dados referidos nesse quadro, o tempo de incubação mais frequente nas varias Idades foi de 1 a 5 e de 6 a 10 annos.

Em alguns casos, o tempo de incubação foi maior, de 11 a 15 annos (4 vezes), de 16 a 20 annos (1 vez) e mesmo de 21 a 25 annos (1 vez). Nos conjuges que ficaram sujeitos ao contagio depois dos 35 annos, o tempo de incubação nunca foi tão longo, emquanto qua isso se deu nas passóas com menos de 35 annos. Surprehendeu-nos essa constatação, pois sendo, via de regra, os jovens mais facilmente contaminaveis que as pessoas mais idosas, são justamente elles que tem, em poucos casos é verdade, uma incubação maior.

Pode-se argumentar que difficilmente se apura, com precisão, o inicio da molestia, de modo que o convivio do conjuge são com o que adoeceu, poderia ter começado não na epoca referida pelo conjuge doente, mas sim alguns annos antes. Entretanto, todos os casos são passíveis desse erro e se, alargando o tempo de convivio dos conjuges mais idosos torna-se maior o tempo de incubação, para o lado do conjuges mais moços succederá o mesmo, e vamos ter uma incubação ainda mais extensa daquela que determinamos.

Portanto, não se pode infirmar os nossos dados com essa objecção. Para elucidar a questão, torna-se necessario ampliar a nossa estatistica, com numero maior de casos de contagio conjugal. Nossso intuito era fazer isso, mas não nos foi possivel, pois submeitemos ao inquerito epidemiologico, todos os doentes contaminados por via conjugal, internados no nosso hospital.

Abordando agora, o porque da raridade da infecção conjugal, recorramos a Schujmann (5), que attribue essa verificação á menor predisposição do adulto, á sua maior resistencia organica e, especialmente, a immuidade que o conjuge vae aquirindo.

Leloir (9) explica a bah:a incidencia cio coMagia conjugal, pelo facto que a receptividade á lepra diminue depois dos 20 annos. Thoroddsen, Munroe e Lie (citados por Jeanselme, 1) têm a mesma opinião.

Discordando da explicação de Leloir, Jeanselme (1) julga-a "pouco satisfactoria ou pelo menos insufficiente", porquanto a re-ceptividade á molestia, embora muito maior antes da puberdade, existe em todas as idades. Parece-nos porem, que não existe nenhuma discordancia no que affirmam esses dois AA. sobre a receptividade do individuo.

Jeanselme (1) também se manifesta contrario, a respeito da immuidade que surgiria do convivio com os doentes e que por Schuj-

mann foi invocada, juntamente com a menor receptividade do adulto, para explicar a baixa incidencia do contagio conjugal. Elle assim escreve: "De minha parte, eu estou inclinado a crer que, a vida em meio leproso, longe de conferir uma immunitade relativa, occasiona um estado de sensibilidade frente ao bacilo de Hansen".

Sobre este ponto, podemos mencionar Bargher (citado por Pereira, 6), o qual affirma que a lepra não attinge um grande numero de pessoas que convivem com os doentes, ao passo que os individuos provenientes de paizes não leprogenos, podem adquiril-a em curio lapso de tempo, quando collocados em identicas condições.

Estudando a correlação existente entre o tempo de convivio e os casos de contagio conjugal, nós tivemos occasião de referir que, nos nossos casos, a contaminação se processou nos primeiros dez annos de convivio, sendo muito rara depois. Portanto, o conjuge são não sendo contaminado nos dez primeiros annos de convivencia terá pouca probabilidade de se infectar nos annos seguintes.

Esses dados levam-nos a crer que, de facto, o adulto, no convivio com os doentes adquire certo grau de immunitade, que lhe permite resistir á infecção que o ameaça.

O factor immunitade, assim como a menor receptividade á molestia depois dos vinte annos, explicariam segundo nós, a raridade da infecção conjugal.

### CONCLUSÕES

I. a — De 506 casos em que um dos conjuges era doente observou-se o contagio conjugal em 49 pacientes, ou seja em 9,7 To dos casos.

II. a — De accordo com os nossos dados, o contagio conjugal se processa, quasi que exclusivamente, nos primeiros dez annos de convivencia. Esses dados permitem-nos admittir que o conjuge são, em contacto com o doente, adquire certo grau de immunitade, de modo que, não sendo contaminado nos dez primeiros annos de convivio, difficilmente o será depois.

III. a — X raridade do contagio conjugal dever-se-ia attribuir menor receptividade do adulto á infecção e porque o conjuge submettido a contagios repetidos e continuos, adquire certo grau de immunitade, que augmenta com o tempo.

### BIBLIOGRAPHIA

- 1) — JEANSELME — "Les preuves epidemiologiques de la contagiosité de la lépre". La lépre, vol. II.', 1935.
- 2) — CHRISTIAN — "A study of the transmission of leprosy in families". Leprosy in India, n.º 4, pag.161. 1935.

- 3) — ZAMBACO — "La contagiosite de la lepre". "La lépre a travers des siecles et les contrees, pag. 705. Masson e Cie. Edit. Pariz, 1914.
- 4) MANALANG — "Transmission of leprosy". Separata. Manilla. 1932.
- 5) — SCHUJMANN — "Epidemiologia y Profilaxis de la lepre". Actualidades Medicas. B. Aires. 1933.
- 6) — PEREIRA, P. C. — "Contribuição ao estudo da reacção de Bargher-Allergia e imunidade activa contra a lepra". Separata. 1935. Rio de Janeiro.
- 7) — JEANSELME — "La lutte contre le lepre a l'epoque contemporaine. Principes et applications". Rev. de Medici-ne et d'Higiene Tropicales, pag. 152. 1935.
- 8) OTA, ASAMI e TSUCHIDA — "An epidemiological investigation of leprosy in the Miyagi Prefecture". Inter. Journ. of leprosy, pag. 459, val. II, 1934.
- 9) — LELOIR — Traite pratique et theorique de la lepre. Edit. Delahaye et Lecrosnier. Paris. 1886.
- 10) ROGERS e MUIR — "Conjugal infections". Leprosy, pag. 80. Simpkin Marschall Ltd. Londres. 1925.